

O SÉTIMO JURAMENTO: UMA HISTÓRIA DE MAGIA?

Prof^a. Dr^a. Jane Rodrigues
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

Resumo: Este texto se propõe a discutir a obra *O sétimo juramento*, de Paulina Chiziane, no âmbito do insólito. Inicialmente, refletindo sobre o que significa, de fato, tal conceito (tão caro aos estudos literários contemporâneos) para as sociedades africanas, neste caso específico, a sociedade moçambicana. Depois, objetiva-se pensar como a autora se posiciona ética e esteticamente frente ao trabalho que realiza neste sentido.

Palavras-chave: Paulina Chiziane, sociedade moçambicana, tradição, insólito.

O SÉTIMO JURAMENTO: A HISTORY OF MAGIC?

Abstract: This text proposes to discuss the novel *The seventh oath*, by Paulina Chiziane, within the scope of the unusual. Initially, reflecting on what, in fact, such a concept (so dear to contemporary literary studies) means to African societies, in this specific case, Mozambican society. Afterwards, we intend to think about how the author positions herself, ethically and aesthetically, in the face of her work in that regard.

Keywords: Paulina Chiziane, Mozambican society, tradition, unusual.

Em definição basicamente lexical temos que “insólito” vem do latim *insolitus* “que não tem o hábito de, desacostumado, desusado, novo”, aquilo “que não é costume = extraordinário, raro, singular” e ainda “coisa ou fato fora do normal¹”. Já, no âmbito dos estudos literários, o pesquisador Flávio Garcia destaca um ponto em comum que definiria o termo insólito, mesmo a partir de posicionamentos diversos como do crítico Todorov (1970) e da pesquisadora Irène Bessière (1973) em seus estudos sobre o fantástico. Segundo tal ponto, compreende-se o insólito como:

(...) a manifestação, no plano narrativo, de algo que fuja às regras convencionais da racionalidade própria do senso comum cotidiano – obviamente, subvertendo os padrões do sistema literário real-naturalista, representante, no imaginário ficcional, das referências imediatas da realidade ôntica, física, empírica –, e, conseqüentemente, a incerteza que disso resulta, tanto por parte dos seres de papel, quanto pelo leitor real, diante das possíveis explicações para o evento insólito².

¹ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/ins%C3%B3lito>. Consultado em 17 de março de 2017.

²GARCIA, 2011, s/n.

Deste modo, somos compelidos a pensá-lo em oposição, seja narratológica, seja discursiva, àquilo que seria o sólito, entendido como o habitual-real. Logo, utilizar o termo insólito em estudos das literaturas da África Negra é justamente questionar-se sobre o que é vivenciado como normal, ou parte do cotidiano, nestas sociedades.

Na tentativa de ensaiar um posicionamento crítico a respeito, cremos ser necessário o esforço de pensarmos a África Negra por dentro, isto é, a partir de uma visão endógena, nascida de sujeitos africanos que refletem sobre o seu espaço e não mais, como fundamentalmente ocorre ainda em nossos dias, pensar nesta parte do continente de modo objetualizado, amparando-nos em discursos que, por desconhecimento empírico, conduzem-nos a uma visão exótica (algo que vem de fora e remete ao estranhamento e ao extravagante) da vida africana.

Para tanto, recorreremos, sobretudo, a escritores pós-coloniais que passam, seja por meio de estudos teóricos das áreas de Antropologia e Sociologia, seja por meio de narrativas literárias, esta visão orgânica do continente, tão necessária ao preenchimento do vazio historiográfico que a tradição canônica ocidental nos legou em relação às culturas africanas. Busca-se, desta forma, um olhar diferente daquele do colonizador europeu que nos fez, a maior parte do tempo, erroneamente, crer que a história do continente começa com a colonização.

Neste sentido, despontam, no século XX, autores como Joseph Ki-Zerbo, de Burkina Faso (ou Burkina Fasso), editor da fundamental *História Geral da África*, cujo objetivo é justamente pensar o continente a partir de estudiosos e pesquisadores que o conheçam por dentro e, portanto, sejam capazes de transmitir tal conhecimento, na medida do possível, à escrita, sem, contudo, depreciar suas práticas. Deste grupo de pesquisadores, destaca-se Amadou Hampâté Bâ, nascido em Bandiagara (Mali), autor de “A tradição viva”, cuja epígrafe retoma as palavras fundamentais do mestre Tierno Bokar: “a escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem”. Ou como diz Bâ em suas próprias palavras: “nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimento de

toda espécie, pacientemente transmitido de boca a ouvido”³. Já em sua obra fronteiriça (entre ficção e biografia), intitulada *Amkoullel, o menino fula*, o escritor conta-nos sobre os modos de ser/existir das sociedades africanas (subssarianas), tecendo uma série de reflexões prévias, visando a alertar os leitores ocidentais quanto a aspectos que fazem parte do cotidiano africano e que aos nossos olhos causaria estranhamento:

Outra coisa que às vezes incomoda os ocidentais nas histórias africanas é a frequente intervenção de sonhos premonitórios, previsões e outros fenômenos do gênero. Mas a vida africana é entremeada deste tipo de acontecimento que, para nós, são parte do dia a dia e não nos surpreendem de maneira alguma.⁴

Nesta mesma linha reflexiva, cabe-nos recordar ainda de Nsang O’Khan Kabwasa, do Zaire, que trata da chamada “visão animista do universo segundo a qual a vida é uma corrente eterna que flui através dos homens em gerações sucessivas.” Assim, destaca que o africano, em uma visão tradicionalista, não se percebe individualmente, mas sempre como parte de um “grupo do qual é indissociável, não pode ser separado nem dos que o precederam, nem dos que o irão suceder” (...). Integra, portanto, um “círculo da vida” que na cosmogonia africana não se rompe com a morte física, apenas transforma-se, sendo composto por: Nascimento, Infância, Iniciação, Maturidade, Velhice (referentes ao mundo visível) e Morte, Antepassados, Crianças a nascer (referentes ao mundo invisível).⁵

As características inerentes à vida do continente, destacadas pelos autores: a oralidade – o relato oral como testemunho da história africana, que não pode se basear na oficialidade da escrita e seus documentos; a indivisibilidade entre setores da realidade e aqueles associados ao imaginário como o sonho, a premonição; o ciclo da vida, que leva em conta a ancestralidade(morte e renascimento) e, sobretudo, o tangenciamento constante do mundo visível e invisível, são fatores que levam à ocorrência de uma percepção muito diversa do que chamamos comumente de insólito, como extensão do fantástico.

³ BÂ, 2010, p. 181.

⁴ BÂ, 2013, p.12.

⁵ KABWASA, 1982, p. 14-15.

Inserir-se, assertivamente, neste debate o escritor angolano Pepetela ao utilizar o termo “Realismo Animista” para se referir a este modo de ser/ existir e pensar do seu país. Tornando-se, posteriormente, tal conceito bastante caro aos estudos pós-coloniais, cujo objetivo é justamente questionar o saber do Outro (calcificado nos cânones ocidentais) sobre a África.

Mas como o Realismo Animista, entendido como crenças e costumes tradicionais que “não se justificam pela racionalidade cartesiana ocidental, mas pela própria cultura que sobrevive como marca identitária desses povos”⁶⁶ é estética e eticamente refletido por Paulina Chiziane? Vejamos o que nos diz a escritora, de certo modo, a esse respeito ao falar do papel do escritor africano:

Ser escritor e ser africano é um bocado complicado porque a escrita tem que ser em primeiro lugar, um lugar de prazer, um lugar de lazer, mas quando se é africano e se reconhece que outras literaturas podem ofuscar e fazer desaparecer isso que são os valores da nossa própria terra, nós africanos nos tornamos militantes. Eu escrevo porque gosto, mas depois eu pergunto: porque eu escrevo? Escrevo apenas para o meu prazer? Por que não usar esse gosto e esse prazer para preservar alguma coisa que pode desaparecer? Aí, então, faço uma escrita militante. De vez em quando vou à comunidade e recolho as mais belas histórias... de vez em quando sento-me sozinha a tirar o que está dentro do meu próprio imaginário, de vez em quando escuto alguém e ajudo esta pessoa a dizer o que tem, a darem a sua própria voz. Muito recentemente eu fiz um trabalho que é escrever a biografia de um curandeiro. O curandeiro não sabe ler e não sabe escrever (...) mas ele tem uma bela história para contar (...) produzimos um trabalho em conjunto: a história é dele, mas a escrita é minha⁷.

Nesta entrevista, Paulina termina justamente por compor o traçado de seu trabalho com a escrita, considerando o fato deste ser resultante da recolha de dizeres outros, sobretudo, dos mais velhos ou daqueles que, na sociedade moçambicana, tal como o curandeiro, são ainda detentores de histórias não grafadas, mas rememoradas. Daí seu trabalho ser balizado por uma experiência empírica, bastante própria das tradições de seu país. Há, portanto, um esforço permanente de preservação e intervenção autoral, isto é, dispõe-se a trazer movimento a esta tradição, muitas vezes, questionando-a por dentro. Talvez por

⁶⁶ SARAIVA, 2007, s/n.

⁷ CHIZIANE, 2012. Transcrição de parte da entrevista concedida pela autora ao *Programa 3 a 1*, da TV-Brasil, em abril de 2012.

isso repita incessantemente sua função de “contadora de estórias”, refutando a de “romancista”.

Para além destas classificações, Chiziane é uma personalidade literária inquestionável em seu país, expoente da crítica dos valores que permeiam o Moçambique contemporâneo, e autora de romances como *Niketche*, *Balada de Amor ao Vento*, *Ventos do Apocalipse*, *O Sétimo Juramento*, *O Alegre Canto da Perdiz*. Além do livro de contos, *As Andorinhas* (2009) e de obras, mais recentes, publicadas apenas em Moçambique intituladas: *Na mão de Deus* (2013) e *Por Quem Vibram os Tambores do Além* (2013) *Ngoma Yethu: O Curandeiro e o Novo Testamento* (2015). É também autora de pequenos textos críticos, a destacar: *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo* (2013), publicado pela Nandyala, em Belo Horizonte.

Nestas obras, a autora promove uma espécie de “arqueologia dignificadora”, no dizer do pesquisador Francisco Noa, ao discutir aspectos bastante próprios de seu país como: o lobolo, o racismo, a diversidade religiosa e o comportamento social contemporâneo, marcado por corrupções tanto materiais quanto da tradição – frequentemente manipulada, objetivando legitimar abusos diversos.⁸

Ainda de acordo com Noa, o papel fundamental do intelectual africano, e nisto seu pensamento coaduna-se ao de Chiziane, parece ser o de questionar a autoridade máxima do conhecimento moderno em que “a razão é vista como valor apriorístico do homem e, por isso, inata, imutável, universal”. Neste ponto, precisamente, concede destaque à literatura africana como “expressão de outras racionalidades e de reinvenção do sujeito, [que] amplia e aprofunda o próprio sentido da humanidade”.⁹

É justamente da diversidade do que é humano e de sua essencial ligação com o espiritual, fortemente entremeado ao cotidiano, que nasce o inesperado e o insólito nas obras de Chiziane, especialmente a que ora destacamos como objeto de nossa análise: o romance *O sétimo juramento*.

A obra retrata o Moçambique pós-colonial e pós-guerra civil, em que se verifica a existência de grande desigualdade social, pois, de um lado, há uma

⁸ NOA, 2015, p.86.

⁹ NOA, 2015, p.77; 79.

população em estado de extrema pobreza e, de outro, uma pequena burguesia, formada a partir do saque de bens deixados pelos ex-colonos portugueses, além da exploração do próprio povo. Paradoxalmente, tal burguesia, que se mostra inteiramente corrompida, compõe-se de ex-combatentes da luta de libertação nacional, fazendo soar, ao longo do romance, críticas inevitáveis: “A ilusão de um amanhã melhor há muito murchou, (...) As palavras poder, revolução, soam como maldição, nos ouvidos ensurdecidos pela violência das explosões em nome da democracia.” (CHIZIANE, 2008, p. 11). Neste contexto, observa-se ainda a imposição exterior de um catolicismo trazido pelo colonialismo, presente, sobretudo, na parte sul do país, espaço de realizações capitalistas, em contraste com regiões afastadas dos centros urbanos, nas quais se praticam mais livremente as crenças tradicionais (Animismo).

Tratará, assim, *O sétimo juramento* de sujeitos fragmentados que se perdem entre tradições que não conhecem, mas que os cercam e os destinam, num jogo entre realidade e magia, valores materiais e espirituais, que aqui se encontraram, inclusive, bastante identificados com figuras masculinas em diferentes associações com o ser feminino. O enredo gira em torno da família de David da Costa – cujo nome de origem africana é: Magalule Machaza Cossa – diretor de uma fábrica na capital, o que lhe proporciona gozar de muito prestígio e dinheiro. O personagem sintetiza a corrupção material (desejo de poder e de riqueza) e espiritual (adoção do nome de origem hebraica e consequente apagamento de sua origem africana).

Encontra-se, deste modo, afastado do povo e de suas tradições, assim como Vera, sua primeira e oficial esposa. O casal tem dois filhos, Clemente e Suzy, e mora ainda com a avó Inês. Neste núcleo familiar, apenas a avó mantém as lembranças da tradição, que tenta, sem muito sucesso, passar a Vera e a Clemente, que a escuta sem inteiramente compreender: “Os jovens dizem que as ideias dos velhos são fábulas, mitos, cantigas de embalar. A vida moderna torna as gerações incomunicáveis”.¹⁰ De fato, Vera, rejeita o posicionamento da anciã, em seu entender mítico-místico, portanto, apartado do real-razional, mesmo quando percebe que algo de muito estranho está acontecendo a seu filho

¹⁰ CHIZIANE, 2008, p. 30.

Clemente: “Nada têm de especial, as fobias do meu Clemente, consola-se, não se trata de presságio (...). Creio apenas nos vivos, nos mortos, não. Não creio nos falsos profetas, adivinhos...”¹¹

Entretanto, mais a frente, alerta-nos a voz narrativa: “No mundo dos batus a pessoa não nasce. Renasce. E recebe o nome de um morto antigo, porque nome é veículo de reencarnação.”¹² A autora faz aqui uso de uma espécie de “fingimento oral” em que, segundo Ana Mafalda Leite, “cria uma situação enunciativa e paródica” que imita um “ritmo oral”¹³, neste caso, a voz dos mais velhos que vaticinam o destino de Clemente:

Chamar-se-á Mungoni, o guerreiro! David disse logo que não. Queria romper com o passado de espíritos, de mortos, de feitiços e mistérios. O que ele não sabia é que a sua recusa de nada valia perante os desejos dos antepassados. Clemente cresceu saudável e robusto. Na hora do baptismo a vela apagou-se três vezes. Vela apagada na hora do baptismo é mau agoiro, dizem os mais entendidos.¹⁴

Logo, o presságio não se mostra no interior do romance uma credence como imaginava ou desejava imaginar David e Vera, visto que o filho realmente, ao chegar à adolescência, por não ter cumprido os desígnios do seu nome, termina por sofrer uma série de perturbações mentais sem explicação e solução pela medicina convencional.

Do mesmo modo que Clemente, pouco a pouco, ao longo da narrativa, todos os membros da família são compelidos a uma re-ligação com os valores tradicionais/espirituais. David porque, movido pela ambição, por querer manter seu posto de diretor da fábrica, deixa-se conduzir, ainda que descrente, por um amigo ao mundo dos feiticeiros, em que se prometia poder em troca de adoração aos antepassados e da adesão a certos valores ocultos e rituais. Vera porque percebe o comportamento atípico do marido e a propensão mediúnica dos filhos, em desajuste com o que acreditava ser o real, e a fim de salvá-los busca o caminho de uma magia que possa reverter os nocivos efeitos da feitiçaria em que se percebem enredados.

¹¹ CHIZIANE, 2008, p. 26.

¹² CHIZIANE, 2008, p.61.

¹³ LEITE, 2003, p.80.

¹⁴ CHIZIANE, 2008, p. 61.

Observam-se, entretanto, nítidas distinções quanto aos modos desta relação com a ancestralidade. Para David, trata-se de uma relação desigual, irrefletida, exterior, uma vez que não quer doar-se, não quer modificar-se e vai inconsciente ao encontro do desconhecido que pode lhe beneficiar. Assim, pensa no conforto físico e material que a feitiçaria pode lhe trazer: “Anoitece. (...) Prepara-se para receber a benção da longa vida (...) Prepara-se para receber mais sorte no amor, maior potência sexual, mais poder, mais dinheiro.” Mas, por outro lado, sente-se, profundamente, deslocado de toda a parte ritualística que, a seus olhos, parece primitiva: “Se alguém me quiser levar ao tribunal, compro a justiça com o dinheiro que tenho. Não preciso mais destes rituais. Estou cansado de imaginar feitiços em cada sombra.”¹⁵

Entretanto, a narrativa mais uma vez nos faz ver que David é um devedor dos valores imateriais, espirituais (porque foi concebido sob a égide da feitiçaria, a que se entregará o seu pai) e é um devedor dos valores morais, materiais (porque se entregava ele próprio à corrupção de sua terra em troca de mais poder), sendo assim, é levado a um círculo realmente vicioso, vivendo experiências que não é capaz de compreender:

Novas imagens de terror dançam nos olhos de David. Uma leoa surge à frente, ameaçadora. (...). A leoa é o espectro da morte, é a morte verdadeira. Tenta fugir, fraqueja. Mas fugir para onde? Recorda-se do poder e da ousadia dos gladiadores romanos. Das provas dos reis batuz, na hora da coroação. (...) Recorda as palavras mágicas dos lutadores invencíveis em desafio mortal.

(...)

Desperta para a realidade. Olha para os joelhos que sangram e descobre que esteve numa luta real, verdadeira. Mas com quem, se à sua frente não se vê leão, nem vivo nem morto, e a paisagem é igual à de todos os dias e naquela savana nunca houve leões de espécie alguma?”¹⁶

Em seu caminhar insano, David leva consigo mulheres que se sacrificam, involuntariamente, tanto no plano material, quanto espiritual: a fiel secretária, que o alerta sobre os golpes planejados na fábrica para tirá-lo do poder, e Mimi, a prostituta-criança, ambas terminam grávidas e mortas num estranho acidente,

¹⁵ CHIZIANE, 2008, 92; 128.

¹⁶ CHIZIANE, 2008, p.164-165.

possivelmente provocado pelos desmandos da feitiçaria. Logo, as mulheres são aqui mais uma vez agentes a sustentar a força dos homens, são elas as esposas ou amantes de um mesmo homem concedendo-lhe a prole numerosa que fará dele poderoso, e, quando virgens, são destinadas ao sacrifício de sustentar, com o seu jovem sangue, os rituais que o podem auxiliar a conseguir mais poder. Sobre este debate, insere-se, no romance, a igualmente complexa questão do incesto, pois David não hesita em arrastar a filha Suzy ao mundo da feitiçaria, fazendo dela sua amante e cúmplice. Cabe destacar, no entanto, que as descrições do ato incestuoso são narras em meio a reflexões pertinentes, tanto aos costumes da sociedade bantu, quanto às raízes cristãs-ocidentais, evidenciando que a prática incestuosa (Adão e Eva) está grafava na própria gênese humana:

David abraça a filha e voa com ela por paraísos sem fim. Adormecem, sonham e despertam. Delira. Corpo de Deus, sangue de Deus. Redenção. Corpo de mim, sangue de mim. Solução. Bebi o sangue do meu sangue para dinamizar o curso da vida. Incesto é cura, sacrifício. Mulher estéril dorme com o pai para recuperar o gene da fertilidade (...). Pessoa doente dorme com o irmão ou irmã, para abominar o espírito mau e expulsar o anjo da morte. Pais e filhos cruza-se em rituais de fertilidade da terra, do gado, em nome da saúde, riqueza e longa vida desde o princípio do mundo. Incesto elevado ao heroico e ao sagrado na coroação dos reis bantus. Adão comeu a maçã de Eva, irmã e filha, e a vida multiplicou-se.¹⁷

Mas se os “problemas das mulheres surgem desde o princípio da vida, de acordo com as diversas mitologias”, Paulina faz emergir personagens femininas que, à margem de serem vitimadas por todas estas questões, buscam um caminho de resistência possível, tornando-se elas mesmas curadoras de sua família e da sociedade. Porque a mulher “é o centro da vida (...) é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra.” Dela “emana a força mágica da criação.”¹⁸

Ao tratar da personagem “Rosa de Kariacó”, de Aldino Muianga, Noa termina por tecer uma consideração interessante sobre as personagens femininas que corrobora com aquilo que nos parece, em certa medida, propor Chiziane:

¹⁷ CHIZIANE, 2008, p. 182.

¹⁸ CHIZIANE, 2013, p.5-6.

Se é verdade que há uma vontade individual que se impõe, sobretudo com maior valor simbólico por se tratar de uma mulher, num espaço onde o peso da tradição e do comunitário é quase esmagador, é significativo observarmos que toda a sua ação é respaldada por um poderoso quadro de valores, como se a conciliação entre o sentido individual e o comunitário se instituisse como resolução triunfante do dilema.¹⁹

Afinal, Vera, ao contrário do marido, embora se veja perdida em um mundo que desconhece, busca, de fato, estabelecer laços com o passado ancestral e abraça o destino do filho que compreende a missão de ser curandeiro: “Mãe eu quero servir a Deus como curandeiro.(...). Receio e ponderações de Vera: Ser curandeiro é viver coisas do tempo que o vento levou. É dizer não à ciência (...)”. Mais uma vez percebemos, neste momento, a inclusão de uma voz/ consciência narrativa a nos alertar, leitores, de todos os desdobramentos que a decisão de Clemente comporta:

Ser curandeiro é desprestigiante nas nossas mentes alienadas. É invocar conhecimentos e tradições que pretendem banidas desde os tempos da inquisição europeia. É resgatar o ser e o saber de um povo desprezado.²⁰

No movimento diegético, estabelece-se, então, há a alternância de vozes que narram e dialogam, tecendo um ato reflexivo concordante com a postura autoral de Chiziane: “Ensinaram-no a rejeitar até a cor da nossa pele. O nosso ser e o nosso conhecimento tornaram-se folclore aos nossos próprios olhos.”²¹

Vera e Clemente (cujo nome termina por ratificar seu destino de curandeiro: cheio de misericórdia), nesta busca, que é também a da escritora, terminam por nos conduzir a vertentes espirituais que se encontram simbolicamente ligadas a um espaço esquecido do território moçambicano, bastante distantes da capital Maputo. Paulina nos traz, assim, por meio de seus personagens, toda sua força narrativa, repleta da sabedoria do seu povo e do desejo de conhecê-lo, lembrando-nos que: “A vida é como a água, nunca esquece o seu caminho. A água vai para o céu mas volta a cair na terra. Vai para o subterrâneo mas volta á superfície.”

¹⁹ NOA, 2015, p.83.

²⁰ CHIZIANE, 2008, p. 243.

²¹ CHIZIANE, 2008, p. 244.

Será por isso *O sétimo juramento* uma história de magia?

Diríamos que sim. Porque na África ancestral, que o texto também percorre, “Tudo é a palavra. Tudo busca nos transmitir um estado do ser misteriosamente enriquecedor”.²² Em um profundíssimo labor estético, a autora recupera no romance a oratura, e isso é magiar, lembra-nos Carmen Lúcia Tindó Secco. É magia, porque tece perspectivas ideológicas a serem reinventadas em nossos dias, que nos leva– leitores de espaços vários – para formas outras de afeto e de crença. É magia, ainda, porque busca transmutar o corpo em voz e “mover a voz para fora. Subverte-lhe a derme”, inquietando tradições e lançando um olhar de suspeição às certezas do presente e do real.²³

Referências

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In.: KI-ZERBO, Joseph. (Coord.). *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

_____. Prefácio e Prólogo. In: *Amkoullel, o menino fula*. Tradução de Xina Smith de Vasconcellos. Prefácio de Fábio Leite. São Paulo: Palas Athena, 2014.

CHIZIANE, Paulina. *O sétimo juramento*. 3ª edição. Lisboa: Editora Caminho, 2008.

_____. *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

_____. *Programa 3 a 1...* (entrevista concedida em abril de 2012). Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/3a1/episodio/paulina-chiziane>. Acesso em 30 de janeiro de 2017.

GARCÍA, Flávio. Fantástico: a manifestação do insólito ficcional entre modo discursivo e gênero literário– literaturas comparadas de língua portuguesa em diálogo com as tradições teórica, crítica e ficcional. In: *Anais do Congresso Internacional ABRALIC. Centro, Centros – Ética, Estética*, 18 a 22 de julho de 2011. Curitiba: UFPR, 2011.

KABWASA, Nsang O’Khan. O eterno retorno. In: *O Correio da UNESCO*, ano 10, nº. 12, Brasil, 1982.

²² BÂ, 2010, p. 184.

²³ TAVARES, 1998, p.125.

NOA, Francisco. A narrativa moçambicana contemporânea: o individual, o comunitário e o apelo da memória. In: *Perto do fragmento, a totalidade*. São Paulo: Kapulana Editora, 2015.

SARAIVA, Sueli da Silva. O realismo animista e o espaço não-nostálgico em narrativas africanas de Língua Portuguesa. In: *Anais do Encontro Regional da ABRALIC 2007. Literaturas, Artes, Saberes*, 23 a 25 de julho de 2007. São Paulo: USP, 2007.

SECCO. Carmen Lúcia Tindó. A arte de Magicar. In: *A Magia das Letras Africanas: Ensaio sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

TAVARES, Ana Paula. *O sangue da buganvília*. Praia: Instituto Cultural Português, 1998.

Jane Rodrigues Santos possui doutorado em Literatura Comparada e mestrado em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense – UFF e Pesquisadora do Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES na Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.